

UM ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO INTENSA: O ENSINO DE HISTÓRIA E OS USOS DA ORALIDADE

Ana Paula da Cruz Pereira de Moraes*

Pensando a sala de aula e a motivação no ensino de história

Vivenciamos o tempo da informação. Tudo flui muito rápido, as idéias, os amores, as notícias. E nesse mundo da velocidade estão inseridos os professores e alunos, desse modo, estamos incluídos, já que nunca deixamos de aprender e estamos na busca da compreensão da história para sermos bons professores, sejam de ensino básico ou superior. Enfim, na comunidade globalizada em que estamos, onde a cultura de algumas regiões ocidental se pretende hegemônica (localismos que se pretendem globalizados), o sujeito (o homem) está o tempo todo perdendo o foco de si, do que deseja de fato (TEODORO, 2003; HALL, 2005).

E é diante desses paradoxos que nós, professores e aprendizes, estamos nos encontrando. E a sala de aula é uma pequena célula do universo social, onde acontecem interações, discussões, trocas, aprendizagem. É um lugar de formação que não é tão simples. E quando nos remetemos a uma disciplina específica como história, nosso ponto principal nesse artigo, o ensino de história, é que precisamos estar atentos, pois nos seus caminhos dentro da sala, os alunos percebem as mudanças identitárias pelas quais o homem (ser humano) passou. E isto pode mexer com os seus sentimentos e surgem perguntas, indagações sobre o passado que muitas vezes ainda nos faz vislumbrar hábitos e costumes que ainda tocam o presente ou que questionam o presente.

A postura do professor de história, hoje, deve ser diferente, estar aberta a novos meios e métodos de ensino que venham trazer motivação e interesse do aluno pela matéria. Matéria que se torna interessante quando parte para uma perspectiva da descoberta e da construção. Ora! Por que tantos alunos reclamam que “as aulas de história são muito chatas”? Por que afirmam que não agüentam duas aulas de história sem dormir? Por que as aulas de história podem se tornar frias, se ao contrário, deveriam ser extremamente humanizadas e “quentes”?

As “novas tecnologias globais” como a internet e os satélites de transmissão de comunicação que propagam em nosso país informações e culturas de vários lugares em tempo real, podem nos fazer questionar sobre a “eficácia educacional dos livros (considerados, com frequência, um meio de comunicação desinteressante e obsoleto), da utilidade dos professores

*Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande.

como agentes de ensino (tidos como comunicadores inábeis e incompetentes) e das propostas curriculares ligadas às realidades nacional e local (vistas como inadequadas e ultrapassadas)” (PINSKY; PINSKY, 2004: 17).

Esses questionamentos não significam confirmações da ineficácia ou incompetência de alguém ou de algo, mas um chamamento de atenção para não tornarmos o livro obsoleto, ou o professor inábil ou um currículo inadequado. Pois, as formas como agimos enquanto professores, usando o livro ou trabalhando uma grade curricular, diante das situações que vão surgindo no ambiente escolar é que podem determinar a maneira como somos vistos ou interpelados por nossos alunos e pela sociedade.

O seja, a sala de aula, o ambiente escolar, é um espaço desafiador para o ato de ensinar história, bem como para outras disciplinas, mas em especial, nos dias atuais onde tantas coisas (até consideradas banais) são colocadas em debate, a história vem sendo convidada a fazer parte da vida das pessoas para que ela possa se encontrar, conhecer suas origens (no plural), pois, nossa “identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo. Através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2005: 38).

A história dentro da sala de aula pode levar o aluno a pensar “as culturas”, não como “entidades abstratas”, mas como algo que vive sustentado “por grupos humanos, adaptados a um meio geográfico, comprometidos numa história” (WACHTEL, 1976: 114). E por que a história faz esse convite? Porque ela não estuda o homem individual, mas o estuda pensando sua interação com a política e a sociedade no tempo.

O que defendemos é que o ensino de história dentro de seu espaço de construção envolvendo professores e os alunos, que é a sala de aula, sendo esta sala dentro de paredes ou não, na rua, no museu, nos lugares de memória, deve ser um lugar de criação. De preferência, bem embasado teoricamente.

A motivação nasce do entusiasmo, que por sua vez é causado pela descoberta e esta irrompe da curiosidade sobre algo, da dúvida, do questionamento, da observação, da reflexão-crítica. Então, se o professor conseguir apresentar a história como um mecanismo que proporciona achados, por exemplo, sobre a arte, as linguagens, os mitos, os gestos, as tramas, ela passará a ser interessante para o alunado. Pois, “dependemos de dados históricos para análise de cada forma simbólica. A pergunta sobre o que ‘são’ o mito, a religião, a arte e a linguagem não pode ser respondida de maneira puramente abstrata [...]” (CASSIRER, 1994: 197).

E os livros didáticos quando mal usados, tornam o conhecimento sobre o homem e suas construções simbólicas e tramas de poder, abstratas. Distantes. Sem sentido. Sem ação, apesar de estar narrando ações e fatos humanos no tempo.

A motivação no ato de aprender história nasce quando dialogamos com a história. Quando ela passa a dar pistas de quem foram os nossos pais e porque temos a presente configuração cultural, subjetiva, econômica, etc. Ora! O capitalismo não nasceu do nada. As conformações arquitetônicas das nossas cidades, não são como são, apenas por um acaso. Conhecemos a quadrilha junina ou os congados e maracatus, por quê? O que era tabu antigamente, não é mais hoje.

Enfim, o passado nos toca constantemente por caminhos do tempo e de experiências de vida que muitos não percebem, assim sendo, enquanto professores, necessitamos proporcionar aos alunos a descoberta dessas trilhas. Despertar nos alunos a curiosidade histórica para que possam compreender o presente, mas também pelo puro gosto de pensar o passado, que é tão instigante.

História oral e alguns caminhos

Pensando nesse dialogo com o passado é que propomos colocar os estudantes, literalmente, para conversar com o mesmo, através de pessoas que eles conheciam e que viveram histórias de vida na sua localidade, partindo da idéia de que, primeiro, “todo ser humano tem consciência do passado [...] em virtude de conviver com pessoas mais velhas”, segundo, que “ser membro de uma comunidade é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo” e terceiro, que “teoricamente, cada geração copia e reproduz sua predecessora *até onde seja possível*” (HOBSBAWM, 1998: 22, grifo nosso).

A história tradicional, inclusive as salas de aula de moldes tradicionais, privilegiou as ações e feitos dos grandes heróis, das grandes personalidades, forçando os alunos a elegerem como importantes, os bens culturais das classes dominantes, das pessoas que conseguiram aparecer como históricas. Não obstante, isso vem mudando, pois, a nova geração historiográfica tem mostrado uma história de um passado vivido por pessoas comuns.

É importante percebermos que “no universo da escola, o material didático e o conteúdo transmitido levam a tendências homogeneizadoras, hierarquizadas dos saberes, portanto se caracterizam pela fragmentação do social e diluição das dimensões espaço-

temporais – sobretudo face ao avanço da globalização cultural” (ZAMBONI, 2002: 115), desse modo, utilizar dentro do ensino de história, a história oral com suas técnicas de coleta de depoimentos, seguida de análises e críticas-reflexivas dentro da sala de aula, pode ser eficaz no que tange tornar o aluno um construtor do conhecimento histórico e ao mesmo tempo, apropriado para colocá-lo em contato com as histórias e experiências de vida de pessoas comuns que também foram construtoras do passado do local onde vivem.

Segundo Lucilia Delgado (2006: 15), a história oral “é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões”. Pensando nessa perspectiva, a história oral é um registro de depoimentos de histórias vividas que pode ser muito bem trabalhados em sala de aula. Desde que, e isto é importante, o professor se prepare teoricamente para acompanhar e orientar essa operação histórica junto com os seus alunos.

O professor e os seus alunos têm de ter bem claro que a memória, fonte dos depoimentos a serem coletados, “é uma construção do passado, atualizada e renovada no tempo presente” (DELGADO, 2006: 9). Ou seja, é um passado que brota através das narrativas dos depoentes, mas que está permeado pelo presente vivido dos mesmos, logo vem repleto de realces de eventos, esquecimentos e omissões, às vezes estratégicas, às vezes causadas pela dor.

Logo, nesses depoimentos se entrelaçam fios de subjetividades tanto do entrevistado, como do entrevistador, aluno e professor que farão as interpretações dos depoentes. É um risco muito grande, trabalhar com essa intersubjetividade, por isso, mais uma vez, ressaltamos a importância de um bom preparo teórico-metodológico do professor que assume o papel de orientador dos trabalhos de história oral em sala de aula.

A experiência do ensino de história local através da oralidade

“Nenhuma ilha é uma ilha”. De alguma forma o local está interagindo com o global, a periferia se relaciona com o centro (BIERSACK, 2001: 111-113; GINZBURG, 2004), portanto, proporcionar o conhecimento da história local é importante para os estudantes para que tenham a oportunidade de conhecerem melhor o lugar onde vivem e perceberem, ao mesmo tempo, que nas suas ruas, nos seus lugares de memória, na zona rural local, também tem história e ainda mais, uma história tão importante quanto à história nacional.

De forma simplificada, acreditamos que não importa a série, a história dentro da sala de aula deve situar o aluno da vivência histórica em que está inserido, visto que, a todo instante estamos nos formando enquanto pessoas, ou seja, a nossa identidade se constrói. Dito isto, sustentamos que a “formação da consciência histórica pressupõe a compreensão do “eu” no mundo, do “uni-verso”, unidade na diversidade, como dinâmica, movimento, transformação, história” (FONSECA, 2003: 161).

Diante do exposto, conjecturamos que o uso da história oral como um instrumento de ensino de história pode quebrar a dicotomia pesquisa/reprodução. Tornando os alunos da disciplina de história, juntamente com seus respectivos professores, construtores do conhecimento história. Então, partimos de nossa experiência junto a alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública no extremo oeste da Paraíba para apresentarmos mais concretamente nossas idéias.

Propomos aos alunos conhecer melhor a história local, mas para isto precisávamos da matéria prima, fontes. Como não havíamos feito nada parecido, tivemos a idéia de começarmos pelas memórias das pessoas que lá viviam. Passou-nos por um instante, o pensamento de estudarmos a história dos de hoje, mas percebemos que os alunos sempre procuravam por tempos um pouco mais recuados, mas fontes muito antigas, por exemplo, do século passado, não estariam facilmente acessíveis, então propomos as décadas de 60 e 70. As décadas propostas para estudo foram um tempo de ditadura no Brasil e como a cidade adquiriu aspectos de modernidade muito recentes, acreditamos que fosse um tempo de mudanças e melhorias da mesma.

O segundo passo depois de escolhido o recorte temporal, já que o espacial era o local, fosse zona rural ou não, foi construir um roteiro de temas para entrevistas. Depois de estudarmos a técnica de coleta de depoimentos com os alunos, decidimos fazermos entrevistas não-diretivas, apenas com sugestões de temas, que poderiam ser seguidas ou não, pelos entrevistadores (o alunos) e os entrevistados (amigos e parentes do aluno que vivenciaram experiência nas citadas décadas).

Entre os eixos temáticos escolhidos estavam: 1) *família* (filhos, sustento da casa, dia-a-dia e alimentação, infância, educação familiar, brincadeiras de criança, namoro da época e casamento); 2) *trabalho*, 3) *saúde e doenças* (dificuldades, chás e simpatias, médicos e centros de saúde, doenças da época, nascimento de crianças, morte e crenças), 4) *cidade* (crescimento e ruas, população e modas, bairros), 5) *histórias e “causos”*, 6) *feiras*, 7) *festas* (Natal, Ano Novo, dia da cidade, São João e fogueiras, padroeiro, dias religiosos, formatura, bandas e clube), 8) *educação escolar* (a hora do recreio, professores, a ida e volta da escola,

dias cívicos), 9) *música* e 10) *meios de comunicação* (TV, rádio, telefone, cartas). Outros temas poderiam ser eleitos, no entanto, estes se mostraram mais próximos do cotidiano e da realidade possível durante a década de 60 e 70 da localidade.

Os alunos foram até as pessoas e começaram a perceber como aconteceram mudanças, o tempo coletivo e individual dos entrevistados começou a aflorar. E surgiram frases do tipo: “naquele tempo a gente tomava mais ervas do mato, medicina do mato, as coisas eram mais diferente”, “as festas, era o forró pé de serra, tinha café para a gente, não era como hoje”, “a gente casava, mas se o pai não deixasse as meninas fugiam”, “as festas eram muito grande, tinha muito arroz, muita carne, licor, a festa era preparada um dia antes”, “a cidade era menor, parecia um povoado, não tinha água nas casas, era tudo na terra”.

O contato com o passado local aflorou diante de cada aluno e foram percebendo que tantas coisas mudaram, os costumes e as experiências tinham um contexto diferente, mas que foram formadoras dos dias de hoje. Observamos nos alunos um estado de espanto e alegria diante dos depoimentos, visto que estavam descobrindo aspectos de suas raízes e origens que não conheciam, além disso, eles estavam experimentando o ato da pesquisa, da lida de construção de documentos orais que poderiam servir tanto para o estudo que estava sendo realizados como para posteriores. Inclusive, alguns se surpreenderam ao descobrir que conseguiam interagir bem com depoentes durante entrevistas.

Considerações finais

É interessante pensarmos que o que o que sobreviveu na memória dos depoentes não é neutro. Existem interesses particulares no que se fala e também no que era silenciado. Mas o importante é que a experiência de lidar com história oral para compreender que as pessoas comuns que estão ao redor dos alunos e os próprios alunos são fazedores da história.

Lidar com o ensino de história é uma grande responsabilidade por parte do professor, pois, se a mesma não é atrativa, ou seja, uma história sem vida, que só se apresenta morta dentro de folhas que mostram personagens distantes, o aluno se afasta e esquece que a História é importante para construção do seu ser.

A sala de aula precisa ser um ambiente de construção e criação intensa. E os usos da oralidade, nesse ambiente, podem proporcionar aos alunos um constante “descobrir-se”. Descobrir-se na história local, plena de sentimentos e experiências culturais, bem como alunos ativos construtores do conhecimento histórico dentro e fora do espaço escolar.

Referência Bibliográfica

- BIERSACK, Aletta. Saber local, história local: Geertz e além. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- GINZBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOBBSBAWN, Eric. **Sobre a história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. O que ensinar: por uma história prazerosa e conseqüente. In: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2004. : 17-36.
- TEODORO, António. **Globalização e educação**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire: 2003. (Coleção Prospectiva; v. 9).
- WACHTEL, Nathan. A aculturação. In: LE GOFF, J.; NORA: **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. : 114.
- ZAMBONI, Ernesta. **Panorama das pesquisas no ensino de história**. Saeculum – Revista de História. n. 6/7. João Pessoa: UFPB, 2002. ISSN 0104-8929.